

XIII ENEPEA_Heterogeneização social nos espaços públicos do Hipercentro de Belo Horizonte

paula barros

Related papers

[Download a PDF Pack](#) of the best related papers 



[Engenharia Civil LEIA COM ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES ABAIXO](#)

Antonio Alves de Oliveira

[A estratégia fundiária dos movimentos populares na produção autogestionária da moradia](#)

Evaniza Rodrigues

[O Programa de Apadrinhamento como Instrumento Facilitador da Adoção Homoafetiva](#)

Livia Leal

XIII° ENEPEA

23 A 27 DE AGOSTO DE 2016
SALVADOR • BAHIA

PAISAGISMO NECESSÁRIO
VERDE SOCIAL

EIXO 4

artigo 7



PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL
13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA

Heterogeneização social nos espaços públicos centrais de Belo Horizonte

BARROS, Paula¹

Professora Doutora, UFMG - PRJ, paula-barros@ufmg.br

RESUMO

Espaços públicos socialmente heterogêneos são cruciais na contemporaneidade por oportunizarem o exercício da cidadania, tolerância, liberdade e solidariedade. Todavia, boa parte da literatura sobre o tema tem apontado para o *declínio* dos espaços públicos, apesar do discurso democratizante das políticas de requalificação de áreas centrais em curso. Resultados de estudos empíricos recentes, entretanto, têm apontado para a diversificação do conteúdo social dos espaços públicos do Hipercentro de Belo Horizonte. Sabendo-se que os assuntos enfatizados pelos veículos de comunicação influenciam na construção de conhecimento acerca de uma área, julgamentos e comportamentos, a seguinte pergunta de pesquisa emerge: Como a imprensa tem influenciado o processo de heterogeneização social dos espaços públicos do Hipercentro de Belo Horizonte? A partir da realização da análise documental de matérias publicadas no jornal Estado de Minas entre os anos de 2000 e 2015, verificou-se que a imprensa local tem favorecido a geração de espaços públicos socialmente mais inclusivos ao associar uma imagem mais positiva e responsiva a importantes demandas sociais.

PALAVRAS-CHAVE: espaço público; diversidade social; percepção indireta.

1 INTRODUÇÃO

Espaços públicos enquanto espaços abertos e acessíveis ao público em geral podem ser socialmente mais ou menos heterogêneos. Espaços públicos socialmente mais inclusivos, apesar de não estarem incólumes ao conflito, são considerados cruciais na contemporaneidade por oportunizarem o exercício da cidadania, liberdade, tolerância e solidariedade.

[No espaço público] se espera um tipo específico de interação e uma disposição a se submeter a determinadas situações sociais, como expor-se a diferentes pessoas (uma vez que se trata de um espaço aberto a todos) e a certas convenções, como respeitar o direito do outro ao uso desse mesmo espaço. Nos espaços públicos, as diferenças sociais e as hierarquias são temporárias e relativamente suspensas, porque ali todos têm direitos iguais no que se refere ao uso e à apropriação do espaço. (ANDRADE; JAYME; ALMEIDA, 2009, p.133).

Viver junto é viver nas cidades. Não é viver em família, nem entre amigos. Viver junto não é um problema da vida privada, mas da vida pública. Só a vida urbana nos obriga a conviver com uma multidão de

¹ Este trabalho contou com a colaboração de Ana Luiza Carvalho de Oliveira na condição de bolsista do Programa de Iniciação Científica Júnior da UFMG (BIC JR), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e em parceria com escolas de ensino médio e profissional.



PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL

13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA

desconhecidos; estamos permanentemente na dependência do contato com pessoas que não escolhemos [...] A alternativa civilizada seria uma indiferença respeitosa. Talvez seja o único modo de suportar o excesso de contato com o outro. Mas a indiferença não pode ser completa. O preço de conviver com o desconhecido não pode ser o desconhecimento de sua existência. O outro é, bem ou mal, um semelhante. Aí reside seu valor, seu poder perturbador e também seu caráter problemático. [...] O que pode parecer clichê é, na verdade, condição de convívio: é necessário olhar nos olhos dos outros. (KEHL, 2016, [s.p])

Apesar do discurso democratizante das políticas de requalificação de áreas centrais no contexto brasileiro (e internacional), boa parte da literatura, tem apontado para o *declínio* do espaço público (ALEX, 2008; MORAES, 2002; CALDEIRA, 2000; SENNETT, 2002). Ao analisar seis praças da área central de São Paulo, por exemplo, Alex (2008, p.17) argumenta: *Ao contrário dos discursos bem intencionados, as praças recém inauguradas têm-se revelado fechadas para o entorno e bastante hostis ao público, negando, portanto, o encontro e o convívio pretendidos.*

Contrariando as tendências, evidências empíricas recentes apontam para a heterogeneização social dos espaços públicos do Hipercentro de Belo Horizonte, região que vem sendo alvo de políticas de requalificação (ANDRADE; BAPTISTA, 2015; JAYME; TREVISAM, 2012; SANT'ANNA, 2008; VILELA, 2006) (Figura 1). Estudo recente conclui: [...] *mesmo que não se possa falar exatamente em uma integração entre diferentes estratos, o Centro de Belo Horizonte vem sendo também apropriado por grupos de classe média e grupos culturais que o valorizam em sua diversidade.* (JAYME; TREVISAM, 2012, p.375).

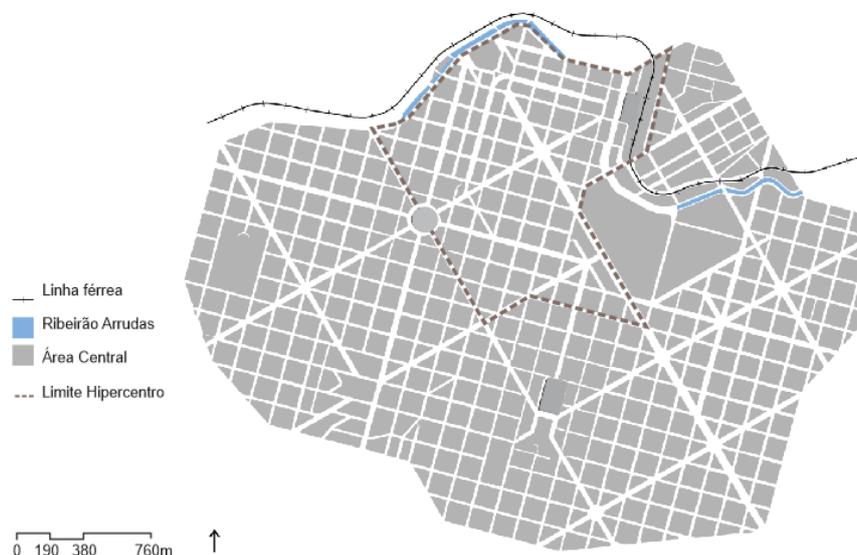


Figura 01: Limite do Hipercentro.
Fonte: Elaborada pela autora.

Sabendo que os assuntos recorrentemente noticiados pelos veículos de comunicação influenciam na construção de conhecimento acerca de uma área, julgamentos e comportamentos, foi realizada uma pesquisa documental com o objetivo de responder a seguinte pergunta de pesquisa: Como a imprensa local tem influenciado o processo de heterogeneização social dos espaços públicos do Hipercentro de Belo Horizonte?



PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL

13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA

1.1 O caso do Hipercentro de Belo Horizonte

No caso de Belo Horizonte, inaugurada em 1897, pode-se falar de um centro elitizado até meados do século XX, quando tem-se início o seu abandono pelas classes mais altas, fenômeno motivado por uma série de fatores. Como a parte de ocupação mais antiga da Área Central da capital mineira corresponde ao que hoje é definido como Hipercentro pelo § 1º do art. 1º da Lei nº 9959, de 20 de julho de 2010, daqui em diante será utilizada a nomenclatura Hipercentro ao invés de centro principal.

Com a consolidação da Savassi enquanto locus do comércio sofisticado, a partir da década de 1960, o movimento de migração da parcela mais abastada do Hipercentro para bairros renovados via verticalização ou para os condomínios fechados é intensificado. A partir da década de 1970, as pessoas pertencentes às classes mais altas de Belo Horizonte passam a perceber o Hipercentro da capital como local a ser evitado dada a sua diversidade social:

O crescimento e a legitimação da Savassi, onde freqüentadores e comércio mais sofisticados procuravam alternativas para investimento e consumo, coincidiu com a semi-saturação do Centro. Além dos empreendedores, que se interessavam por novas opções para investimento em áreas menos saturadas, outros fatores sociais expressivos também ocorriam na época, dentre esses o exclusivismo de classe: os consumidores nobres consideravam depreciativo circular por locais do Centro onde inexistiam barreiras que os isolassem e protegessem dos grupos sociais subalternos. Tanto o comércio sofisticado como os seus consumidores não queriam mais se localizar no Centro, por uma série de razões. (LEMOS, 2007, p. 98).

O Hipercentro gradualmente passa a apresentar um caráter mais popular, deixa de se configurar como um destino e passa a funcionar como local de passagem e transbordo, principalmente para aqueles com mais poder aquisitivo (LEMOS, 2007). O abandono de espaços públicos centrais como locais do encontro por parcelas mais abastadas da população é visto como um fenômeno problemático por favorecer a homogeneização social.

Cabe destacar que enquanto o artigo 182 da Constituição Federal (BRASIL, 1988, p.110) estabelece que *A política de desenvolvimento urbano [...] tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade [...]*, o Estatuto da Cidade (BRASIL, 2001), que regulamenta o artigo 182, estabelece que as diretrizes de desenvolvimento urbano devem ser em *[...] em prol do bem coletivo [...]*. Com a criação do Ministério das Cidades, em 2003, é a primeira vez na história do Brasil que programas, planos e ações nas áreas centrais passam a ser governados por uma política nacional de reabilitação.

O Programa Nacional de Reabilitação de Áreas Centrais surge como uma resposta a processos, iniciados nas décadas anteriores, de evasão populacional e do grande capital, aumento da vacância imobiliária e degradação dos espaços públicos das áreas centrais das grandes cidades (BRASIL, 2008). É neste contexto que a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) lança em 2004 o Centro Vivo, o programa de requalificação do Hipercentro de Belo Horizonte que tem como um dos seus objetivos:

[...] reforçar o centro como região simbólica da cidade, valorizando a diversidade de suas atividades e consolidando-o como **local de encontro de todos**.

As ações do Centro Vivo são desenvolvidas em quatro eixos: inclusão social, econômica e cultural; requalificação urbanística e ambiental; e segurança social. (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2004?,



PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL

13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA

[s.p.], grifo da autora).

1.2 A percepção e os processos de requalificação de áreas centrais

Argumenta-se que a associação de imagens extremamente negativas aos espaços públicos centrais tende a repelir as parcelas da população que têm outras opções de lazer, trabalho, estudo e residência. A interação pessoa-ambiente, influenciada por motivações, preferências, capacidades fisiológicas e outros fatores, pode ser descrita como um processo envolvendo quatro etapas que se retroalimentam continuamente: percepção (direta e indireta), cognição, avaliação e ação.

A percepção direta envolve a captação de estímulos sensoriais através dos sentidos humanos e a percepção indireta compreende a construção de conhecimento acerca de uma área por outros meios, incluindo a leitura de matérias jornalísticas. Durante a cognição ocorre o processamento mental das informações obtidas direta e/ou indiretamente bem como a formação da imagem mental (ou ambiente percebido). A avaliação envolve julgamentos e escolhas, enquanto a ação diz respeito à conduta, ao comportamento.

O ambiente percebido não necessariamente coincide com o ambiente objetivo, uma vez que durante a cognição a mente exerce uma função ativa na sua formação. Assim, os ambientes percebidos são incompletos, esquemáticos, distorcidos e únicos por conterem informações que têm alguma relevância para o indivíduo. Embora as imagens mentais sejam individuais, recorrências comuns são frequentes principalmente entre pessoas que compartilham de uma mesma cultura. Assim, diferentes autores têm argumentado a favor do desenvolvimento de políticas públicas baseadas em estudos de percepção ambiental (DEL RIO, 1999).

2 METODOLOGIA

O presente estudo compreendeu a análise de reportagens disponibilizadas na versão on-line de um dos maiores jornais mineiros (Estado de Minas) desde janeiro de 2000 até dezembro de 2015. Este período reporta-se aos quatro anos anteriores e aos doze posteriores ao lançamento, em janeiro de 2004, do Centro Vivo, programa de requalificação do Hipercentro de Belo Horizonte, ainda em vigor. A utilização de uma única fonte de dados foi função do fato do jornal Estado de Minas ser, na época² da coleta de dados, o único veículo de comunicação que disponibilizava matérias jornalísticas publicadas desde o ano 2000 até o ano 2015 na versão on-line.

Com o objetivo de aumentar a representatividade da pesquisa documental, as matérias foram selecionadas aleatoriamente por meio de buscas com a palavra-chave “Hipercentro” nas datas 01, 08, 15 e 22 de cada mês. A última etapa da pesquisa documental consistiu na codificação e análise quali-quantitativa das 140 reportagens que compuseram a amostra. Seis classes emergiram como temas de grande interesse público, quais sejam: (i) mobilidade, (ii) segurança, (iii) qualidade físico-ambiental, (iv) uso do solo, (v) uso social e (vi) outros.

² A pesquisa documental foi realizada entre 1 de junho de 2015 até 28 de fevereiro de 2016.



PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL
 13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
 23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA

3 RESULTADOS

3.1 Temas de grande interesse da sociedade como um todo

A maioria das matérias jornalísticas que compõem a amostra tratam de assuntos relacionados à mobilidade (27,14%) e segurança em relação ao crime (24,29%). As demais reportagens transmitem aos leitores informações sobre o Hipercentro ligadas ao uso social dos logradouros públicos (16%), aos atributos físico-ambientais das edificações e espaços livres (14,28%), ao uso do solo (12,86%) e a outros assuntos (5%) (Figura 2).

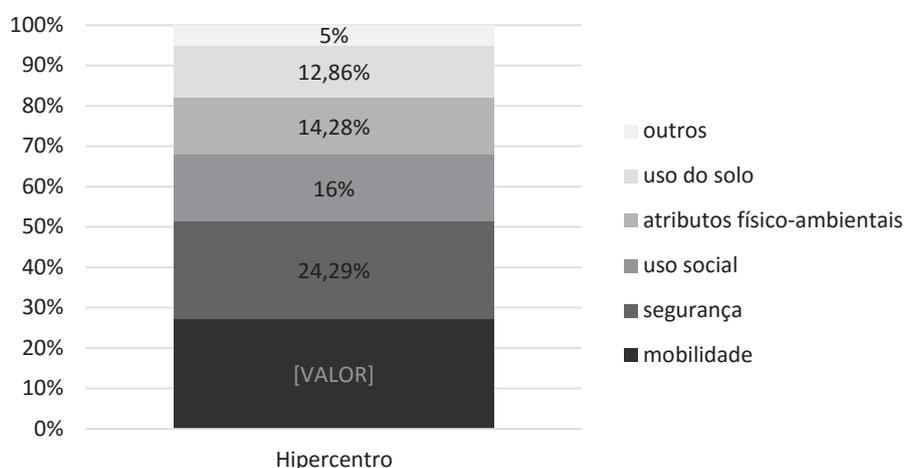


Figura 02: Temas mais noticiados entre os anos de 2000 e 2015.
 Fonte: Elaborada pela autora.

A liberdade e facilidade de ir e vir, a segurança em relação ao crime, a qualidade físico-ambiental, o uso do solo e o uso social são demandas sociais que tem se mostrado relevantes para população de Belo Horizonte ao longo do tempo. Partindo da premissa que as pessoas vão preferir frequentar espaços onde as suas demandas, expectativas, desejos e necessidades serão satisfeitas, argumenta-se que os temas aqui identificados como de grande relevância social devem nortear as políticas e projetos de requalificação do Hipercentro de Belo Horizonte com vistas a incrementar a heterogeneidade social dos seus espaços públicos.

3.2 A influência da imprensa na construção da imagem coletiva do Hipercentro

A maioria das imagens veiculadas pelo jornal Estado de Minas nos quatro anos que antecederam ao lançamento do Centro Vivo pertence ao campo negativo, como sugerem as manchetes a seguir: *BH tem um carro roubado a cada hora; Sistema de ônibus na mira da PBH; Furto e assalto em novo estilo; Criminalidade no Hipercentro torna-se um problema político; Nova tentativa de livrar o Centro da poluição visual; Calçadas de BH vão de mal a pior; Comerciantes definem ações contra vândalos.*

Em contraste com o caráter extremamente negativo associado ao Hipercentro nos quatro anos que antecederam o lançamento do Centro Vivo, entre os anos 2004 e 2015, uma proporção significativa das notícias são classificáveis no campo positivo: *Centro vigiado por 113 câmeras;*



PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL

13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA

Força-tarefa contra o crime em BH; Reforma expulsa criminosos; Capital terá novo centro de cultura; Contrastes do Hipercentro de BH; PBH precisa apressar recuperação de passeios; Cultura grátis no Hipercentro; Ciclovias e transporte coletivo; Todas as apostas no BRT; Hotel Normandy tem novo dono; A diversidade pede passagem; Mobilidade a passos lentos.

Os dados indicam que o Hipercentro é recorrentemente retratado até o ano de 2004 como uma região perigosa em função do alto índice de ocorrências criminais, principalmente roubo e furto: *O ano de 2002 ainda nem acabou e a polícia já registrou mais ocorrências de roubos a pedestres que em 2001.* (ODÍLIA, 2002, p. 24). Progressivamente a região passa a ser retratada como uma área significativamente mais segura em relação ao crime: *No hipercentro, de acordo com a polícia, a redução no número de furtos e assaltos é de 28%, entre janeiro e setembro, em comparação com o ano passado, e a de homicídios, 68%.* (HYBNER, 2004, p.21).

O patrimônio edificado do Hipercentro tem sido desde sempre apontado como um aspecto positivo da área: *Símbolo da resistência ao crescimento vertical que há muito tempo vem varrendo o hipercentro da cidade, o edifício do Castelinho garante, aos trancos e barrancos, seu espaço no álbum de memória da cidade* (SANTOS, 2000, p.20). Mais recentemente, em função das obras para requalificar os logradouros públicos, o Hipercentro vem sendo apresentado como uma área com contrastes significativos em função dos incrementos pontuais:

Mas as coloridas e belas paisagens aumentaram o contraste com imóveis e regiões que, há anos, carecem desses predicados. A culpa da deterioração – causada pelo tempo, descuido ou vandalismo – é tanto do poder público quanto de moradores e visitantes. Os exemplos de disparidades são muitos. (LOBATO, 2007, p.26).

Nos últimos anos, as matérias têm destacado o dinamismo social e econômico do Hipercentro em função do novo público que tem se dirigido à área para se divertir e dos usos culturais emergentes:

Na Rua Aarão Reis, a iniciativa privada – e artística – está promovendo uma verdadeira revitalização da área. Toda sexta-feira, há cinco anos, há o Duelo de MCs, evento com nome autoexplicativo, no fim da rua, embaixo do Viaduto Santa Tereza. Um pouco antes (para quem vem da Praça da Estação), porta com porta estão o Bar Nelson Bordello, autodenominado “cabaré cultural”, e a nova sede do grupo Espanca! (PACHECO, 2011, p.6).

Os imóveis vazios e os deslocamentos na região do Hipercentro, por outro lado, têm sido associados a conotações negativas, desde o ano 2000 até o ano 2015. As passagens a seguir indicam que a promoção da mobilidade urbana é uma importante demanda social: *As calçadas, principalmente no hipercentro, estão em condições precárias. Além dos buracos, várias bocas-de-lobo tiveram suas grades arrancadas.* (MELO, 2002, p. 20), e *Atropelamentos são a maior causa de acidentes desde a inauguração do BRT/Move, principalmente no Hipercentro da cidade, devido a imprudência e falta de atenção.* (PARANAÍBA; PASSOS, 2015, p.17).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da demanda pela geração de espaços públicos onde se processe a mistura social e sabendo que os assuntos recorrentemente noticiados pelos veículos de comunicação influenciam na construção de conhecimento acerca de uma área, julgamentos e ações, foi



PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL

13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA

realizada uma pesquisa documental com o objetivo de ampliar a nossa compreensão acerca de como a imprensa local tem influenciado o processo de heterogeneização social dos espaços públicos do Hipercentro de Belo Horizonte.

As evidências mostram que as matérias sobre o Hipercentro de Belo Horizonte apresentavam um caráter extremamente negativo entre os anos 2000 e 2003 e que a partir do lançamento do Centro Vivo, em 2004, o número de reportagens com conotações positivas aumenta significativamente. Os resultados obtidos, portanto, permitem inferir que a imprensa local tem favorecido a dinamização social do Hipercentro.

No caso de Belo Horizonte, a facilidade de ir e vir, a segurança pública em relação ao crime, a qualidade físico-ambiental, o uso do solo e o uso social dos logradouros públicos emergem como temáticas de grande interesse social e que, portanto, devem pautar os processos de gestão, planejamento e de projeção que visam a criação de espaços públicos centrais socialmente mais heterogêneos.

Partindo da premissa que as pessoas vão preferir frequentar espaços onde as suas demandas, expectativas, desejos e necessidades serão satisfeitas, argumenta-se que a identificação de temas de grande relevância social deve nortear o desenvolvimento de políticas e projetos de requalificação urbana que visam a promoção de espaços públicos socialmente mais inclusivos. A pesquisa documental enquanto método para identificação de temas de relevância social se mostrou eficaz, economicamente viável e passível de ser utilizada em outros contextos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEX, S. **Projeto da praça**: Convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

ANDRADE, L. T.; BAPTISTA, L. V. Espaços públicos: interações, apropriações e conflitos. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. XXIX, p. 129-146, 2015.

ANDRADE, L. T. de; JAYME, J. G.; ALMEIDA, R. de C. Espaços públicos: novas sociabilidades, novos controles. **Cadernos metrópoles**, São Paulo: EDUC, n. 21, p. 131-153, 2009. Disponível em: <<http://www.cadernosmetropole.net/component/content/article/31/50-152>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

BRASIL. 1988. **Constituição Federal**.

_____. 2001. **Lei nº 10.257**.

_____. 2008. Ministério das cidades. **Manual de reabilitação de áreas urbanas centrais**. Brasília, DF, 2008.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34/ EDUSP, 2003.

DEL RIO, V. Cidade da mente, cidade real: percepção e revitalização da área portuária do RJ. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de. (Orgs.). **Percepção ambiental**: a experiência brasileira. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p. 3-22.



PAISAGISMO NECESSÁRIO | VERDE SOCIAL

13º ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL
23 A 27 DE AGOSTO DE 2016 • SALVADOR, BAHIA

HYBNER, E. Força tarefa contra o crime em BH. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 15 dez. 2002, Gerais, p.21.

JAYME, J. G., TREVISAN, E. Intervenções urbanas, usos e ocupações de espaços na região central de Belo Horizonte. **Civitas**, Porto Alegre, v.12, n.2, p.359-377, 2012.

KEHL, M. R. O olhar no olho do outro. **Piseagrama**, n.7., 2016. Disponível em: <http://piseagrama.org/olhar-no-olho-do-outro/>. Acesso em: 28 abr. 2016.

LEMOS, C. B. Uma centralidade belo-horizontina. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v.43, n.2, p. 92-111, 2007. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/Uma_centralidade_belo-horizontina.PDF>. Acesso em: 29 fev. 2016.

LOBATO, P. H. Roupas nova para BH. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 8 mai. 2007, Gerais, p.26.

MELO, L. Calçadas de BH vão de mal a pior. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 22 jan. 2002, Gerais, p.20.

MORAES, F. B. **Exclusão e inclusão**: delimitação e permeabilidade dos territórios. In: DEL RIO, V.; DUARTE, C. R. ; RHEINGANTZ, P. A. (Orgs.). Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa e Coleção PROARQ, p.259-272, 2002.

ODÍLIA, F. VII mandamento desrespeitado 60 vezes ao dia. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, p.24, 15 dez. 2002.

PACHECO, T. Mudança de rota. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 1 jul. 2011, EM Cultura, p.6.

PARANAIBA, G.; PASSOS, P. Conflito constante. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 8 abr. 2015, Gerais, Trânsito, p.17.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Obras e infraestrutura**: Centro Vivo. 2004? Disponível em: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=politicassurbanas&lang=pt_br&pg=5562&tax=16903>. Acesso em: 10 jan. 2016.

SANT'ANNA, M. V. **Entre o projeto urbano e o lugar**: práticas, representações e usos do espaço público no processo contemporâneo de renovação do Hipercentro de Belo Horizonte. 2008. Dissertação. (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

SANTOS, G. Sob o véu da intransigência. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 15 a 21 set. 2000, Especial, p.20.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

VILELA, N.M. **Hipercentro de Belo Horizonte**: movimentos e transformações espaciais recentes. 2006. Dissertação. (Mestrado em Geografia)-Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.